

**GUERRILHEIROS EM IMPERATRIZ:
ENTREVISTA COM O JORNALISTA DOMINGOS IZAIAS CÉSAR RIBEIRO,
TESTEMUNHA DA GUERRILHA DO ARAGUAIA**

**WARRIORS IN IMPERATRIZ:
INTERVIEW WITH JOURNALIST DOMINGOS IZAIAS CÉSAR RIBEIRO,
WITNESS OF GUERRILHA OF ARAGUAIA**

Kayla Pachêco Nunes¹

A memória é sempre “imperfeita”, no sentido de sua incapacidade de comportar as “agudezas” da experiência, mas é nela que se constrói a “legibilidade” para o acontecimento, o que sobreveio, o momento fulgural para aquele que se inscreve *a posteriori* como sujeito da memória.

Luiza H. O. Silva, *Memórias da guerrilha*, p. 141

Esta entrevista se inscreve no esforço de pesquisadores vinculados ao GESTO – Grupo de Estudos do Sentido – Tocantins, comprometidos com pesquisas que tragam elementos para a memória dos acontecimentos em torno dos anos de chumbo no contexto da região Norte, mais precisamente relacionadas à Guerrilha do Araguaia².

Embora trate de um período relativamente recente da história do país, a Guerrilha do Araguaia, que teve como principal cenário os conflitos travados entre militantes do PCdoB e as Forças Armadas que se mobilizaram no norte do Tocantins e sul do Pará, houve um esforço por parte dos governos militares de apagamento da memória desse acontecimento, sem que agentes militares envolvidos em prisões, torturas, sequestros e assassinatos tenham sido julgados por seus crimes. Pelos efeitos produzidos, resquícios desse período sangrento ainda ecoam em nossos dias. Muitos foram os camponeses envolvidos voluntária ou acidentalmente nesse conflito, vítimas da violência desmesurada dos agentes da ditadura como atestam relatos dos sobreviventes, em grande parte sem ter obtido reconhecimento e reparação por parte do governo

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão, em Letras/Espanhol pela Universidade Estadual do Tocantins, em Direito pela Universidade Federal do Maranhão. Especialista em Gestão, Orientação e Supervisão Escolar pela FAPAF e mestranda em Letras pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS/UFT). É professora da educação básica na rede pública estadual do Tocantins e atua como pedagoga na SME de Imperatriz.

² A Guerrilha do Araguaia teve lugar nas regiões sudeste do Pará e norte do então estado de Goiás (atual Tocantins), também abrangendo terras do Maranhão, na área conhecida como 'Bico do Papagaio'. Ocorreu entre meados dos anos 1960, quando os primeiros militantes do Partido Comunista do Brasil chegaram à região, e 1974, quando os últimos guerrilheiros foram caçados e abatidos por militares, treinados para combater a guerrilha e determinados a não fazer prisioneiros.

brasileiro. Pela violência exercida nos confrontos e pelo decurso do tempo, emerge a urgência em registrar as narrativas que rememoram as experiências traumáticas.

Para Figueiredo (2020), “o testemunho se baseia preponderantemente no encadeamento das reminiscências e das lembranças”. Para elaborar a memória coletiva, o autor assevera que devemos partir de um resgate individual, acionado, e validado no tecido social que o indivíduo integra, “vindo a configurar como memória de um grupo”.

É com o intuito de conhecer um pouco mais sobre os personagens anônimos de um movimento fundamental para a conquista de direitos civis, políticos, e principalmente humanos em nosso país, que buscamos fontes vivas para nos auxiliarem nesse trabalho de produção da memória da guerrilha.

Por intermédio do jornalista e escritor Domingos César, tomamos conhecimento da experiência vivenciada pelo senhor Carlos Lima, sendo o primeiro amigo de um dos mateiros ainda vivos, o Zezinho do Araguaia, e o último, colaborador da guerrilha, dando fuga a muitos personagens dessa narrativa.

Para recontar, ainda que de forma abreviada, sobre a participação da cidade de Imperatriz³, no estado do Maranhão, e de alguns de seus moradores, na Guerrilha do Araguaia, entrevistamos o jornalista Domingos Izaias César Ribeiro, em um encontro realizado em 04 de julho de 2020.

Natural de Xambioá, no estado do Tocantins, Domingos Izaias Cezar Ribeiro tem 64 anos, é graduado em administração de empresas, mas há quase 40 anos atua como jornalista, escritor, ativista ambiental e cultural. É ainda membro da Academia Imperatrizense de Letras - AIL, entidade da qual é atualmente secretário.

Pela atividade de jornalista, acompanhou o trabalho da Comissão Nacional da Verdade na busca por desaparecidos da Guerrilha do Araguaia, em sua cidade natal. Na ocasião, conheceu um dos remanescentes da luta armada, o senhor Miqueias, popular Zezinho do Araguaia. Sua relação com esse marco da história na região tocantina, porém, data da adolescência, quando acompanhava as narrativas sobre os guerrilheiros vindos do sul, que transitavam pela cidade de Imperatriz, onde reside há mais de 50 anos.

É sobre essas memórias da participação de Imperatriz como rota de acesso ao centro da guerrilha que baseamos a entrevista abaixo transcrita. Após contato por telefone, encontramos o

³ O município de Imperatriz localiza-se no oeste do Estado do Maranhão, na microrregião nº 38. Tem limites com o estado do Tocantins.

jornalista Domingos Cezar no entardecer do dia 4 de julho de 2020, na pracinha em frente à sua residência, na Avenida XV de Novembro, primeira rua de Imperatriz.

K.P. - Vamos iniciar por uma breve biografia sua. Pode nos informar local e data de nascimento?

D.C – Nasci no dia 06 de julho de 1956, em Xambioá no Tocantins⁴, uma palavra de origem Tupi que significa “pássaro preto e veloz”. Mas antes de ser emancipada, Xambioá era conhecida como Garimpo da pedra branca e pedra preta, um garimpo de cristais. Em 1958, em junho, papai quer pescador e mamãe dona de casa, lavadeira e costureira, mudou-se, aí viemos embora pra Jatobal, que era município de Jacundá na beira da cachoeira do canal do inferno, dois irmãos, e ali, uns dois anos depois viemos morar em Marabá, em 1960. De 60 até dezembro de 63 moramos em Marabá, aí foi quando nos mudamos aqui para Imperatriz, chegamos aqui em 31 de dezembro de 1963.

K.P. – Onde você vivia à época da guerrilha do Araguaia?

D.C – Desde 1963 moro aqui em Imperatriz nessa mesma rua, saindo algumas vezes para estudar e trabalhar. Quando cheguei aqui, eu já tinha setes anos de idade e estudava o segundo ano no Grupo Escolar Governador Archer, em 64.

Estou falando tudo isso pra chegar no Golpe Militar⁵. Vou entrar na história política de Imperatriz. Em 64 governava Imperatriz o prefeito João Meneses de Santana, jovem que foi considerado subversivo porque não concordava com o governo militar, e quem não concordava com o regime militar, era subversivo, era terrorista, era comunista, era tudo que não prestava. E ele manteve a linha dele. Quando foi em maio daquele ano, no prédio onde hoje sedia a AIL, ele despachava como prefeito, e aí a secretária dele anunciou que a polícia havia chegado para prender ele, e ele pulou a janela e fugiu da polícia militar.

E naquela época havia dois vereadores que também foram considerados comunistas. João Palmeira Sobrinho, fundador do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de

⁴ Município situado às margens do Rio Araguaia, no norte do Estado. Entre 1970 a 1976 ocorreram na região ações guerrilheiras organizadas pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB), contrárias ao regime militar. Seus integrantes pretendiam combater a ditadura militar e implementar o comunismo, iniciando o movimento pelo campo.

⁵ É o nome que se dá à articulação golpista que, entre 31 de março e 9 de abril de 1964, realizou a tomada de poder, subvertendo a ordem existente no país e dando início à Ditadura Militar, regime ditatorial que se estendeu no Brasil de 1964 até 1985 e foi caracterizado por censura, sequestros e execuções cometidas por agentes do governo brasileiro. Durante o golpe realizado em 1964, o presidente então empossado, João Goulart, foi destituído de seu cargo.

Imperatriz, juntamente com o Carlos Lima⁶, que hoje é ouvidor da Prefeitura. Em função disso, a Câmara se reuniu numa noite de 1967, à luz da lamparina, e cassou os dois vereadores porque eram comunistas. E Carlos Lima tinha uma chácara lá na beira do Riacho Cacau, onde criava porcos cultivava algumas plantações. Mas na verdade era só de “h”, a chácara dele era onde ele guardava as armas e o dinheiro que o pessoal que começou fazer essa revolta contra os militares, que eram chamados terroristas, guerrilheiros, enfim, eles começaram a migrar pra essa região, porque os guerrilheiros botaram na cabeça, a partir de 1966...67, que eles iam fazer a revolução a partir daqui da região do Tocantins e do Araguaia, principalmente do Araguaia, então eles vinham pra cá. A porta de entrada pra ir pra lá pro Araguaia, era Imperatriz. Não tinha como, não tinha estradas naquela época, certo? As estradas eram os rios, era o Tocantins e o Araguaia. Então eles vinham pra cá.

K.P. - Que personagens da guerrilha você conheceu?

D.C – Pessoalmente, nenhum. Eu era adolescente e era fã deles, sempre fui de esquerda e me interessei por essas histórias. Antes dos 15 anos já estava metido na campanha do prefeito Renato Moreira pelo MDB⁷ aqui em Imperatriz. Eu já tinha aquela tendência pra ser da esquerda, eu queria saber de tudo, saber da andança deles (guerrilheiros), saber como estavam. O povo na beira do rio chamava eles de paulistas, os homens do mato, e eu tinha vontade de segui-los, de estar junto com eles naquela empreitada. Mas meu pai não deixava. Ele era pescador e me proibiu de ir com ele pescar pirarucu lá no Araguaia porque eu queria fugir e me integrar na guerrilha. Eu era fã de dois, principalmente, a Dina⁸ e o Osvaldão⁹.

⁶ Por combater abertamente o regime militar, foi perseguido, cassado, preso e torturado. Participou ativamente da Guerrilha do Araguaia dando apoio aos guerrilheiros. Atendendo a pedido do deputado Neiva Moreira, Carlos Lima hospedava os guerrilheiros que passavam por Imperatriz rumo ao Araguaia no final da década de 60. Em sua chácara, localizada na foz do riacho Cacau, guardava armamentos e munições.

⁷ Partido político de âmbito nacional, de oposição ao governo, fundado em 24 de março de 1966 dentro do sistema do bipartidarismo instaurado no país após a edição do Ato Institucional nº 2 (27/10/1965), que extinguiu os partidos existentes, e do Ato Complementar nº 4, que estabeleceu as condições para a formação de novos partidos

⁸ Conhecida como Dina, a geóloga Dinalva Oliveira dos Santos tinha 29 anos em 1974, quando desapareceu durante a guerrilha do Araguaia. Ela foi a única mulher, entre os guerrilheiros do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) que enfrentaram o Exército, a comandar um destacamento militar insurgente. Segundo seus companheiros e até alguns militares, Dina era valente, atemorizava os soldados com sua audácia e saiu ileso de vários combates. Seu desaparecimento é um dos maiores mistérios do Araguaia.

⁹ Osvaldo Orlando da Costa, o Osvaldão, um negro de 1,98m, engenheiro metalúrgico, especialista em pedras preciosas, com formação guerrilheira na extinta Tchecoslováquia, na Polônia e na China. Por sua formação e coragem era um dos líderes do movimento. Foi caçado pelos militares até ser assassinado por um informante conhecido com Piauí. Foi um dos primeiros participantes da Guerrilha do Araguaia, na região do Bico do Papagaio, próxima da fronteira entre o Pará e o Tocantins, local onde foi visto com vida pela última vez. Segundo registros oficiais, é dado como morto, embora seus restos mortais nunca tenham sido encontrados.

Então, em 1967, dois deles, os principais revolucionários dessa guerrilha, chamados Maurício Grabois¹⁰, que foi deputado constituinte, veio morar em Porto Franco (localizada a 100 km de Imperatriz, quase na divisa com o Tocantins), e um médico chamado João Carlos Haas Sobrinho¹¹. Maurício Grabois tinha um codinome de “Velho”, porque eles todos usavam codinomes. E João Carlos Haas Sobrinho, o médico, tinha o codinome de Juca. E aí eles vieram morar em Porto Franco e foram trazendo os outros companheiros, né.

E por aqui passou, Osvaldão, que era um engenheiro mecânico formado na Ungría, e veio pra cá. Dina, era geóloga, formada pela universidade da Bahia, e veio também pra cá. Ela foi a grande estrela do movimento guerrilheiro. Dizem que atirava com as duas mãos. E o Osvaldão, porque era um atleta de judô, foi do Botafogo, e tinha um porte muito alto, de 1,90m de altura. Ele vinha pra Imperatriz pra fazer as compras pra levar para os três acampamentos que eles tinham no Araguaia, e assim se deu a Guerrilha a partir daqui.

K.P. – Que episódios mais marcaram sua vida durante esse período?

D.C - Quando eu fui estudar em Belém, continuei acompanhando a história deles pelo rádio, perguntando os mais velhos, porque naquele tempo fecharam todas as estradas na região. Pra gente passar pra Marabá, tinha um tal de oito, aí o Exército remexia as nossas coisas todas pra saber que ligação a gente tinha com eles, mas como eu era muito menino, não mexiam comigo. Mas mexeram com o Jurivê Macêdo¹² (também jornalista, cronista e escritor imperatrizense falecido há 10 anos), ele foi levado ao Dops¹³, ele não era comunista, mas tinha as ideias dele, então naquele tempo, quem tinha suas próprias ideias e que não aceitava aquele golpe já era tachado como comunista e já ia pro paredão do Dops.

¹⁰ Participou do movimento de guerrilha na região do Araguaia, no Sul do Pará, onde passou a viver. Fazia viagens frequentes a São Paulo para estabelecer contatos políticos e visitar seus familiares. Em 1972, o Exército descobriu o núcleo do PC do B no Araguaia e iniciou os preparativos para erradicá-lo. As tropas enviadas à região - que envolveram grandes recursos em efetivos e equipamento e chegaram a implicar a abertura de estradas - eliminaram 50 guerrilheiros, entre os quais Maurício Grabois. Seu último contato com sua mulher foi em janeiro de 1972 e, de acordo com sobreviventes da guerrilha, sua morte ocorreu em dezembro de 1974. Até hoje, entretanto, Grabois não foi dado oficialmente como morto, sendo considerado desaparecido.

Era uma das 15 pessoas que se encontravam no acampamento da Comissão Militar na hora do ataque das forças armadas ocorrido em 25/12/1973, episódio conhecido como “Chafurdo de Natal”.

¹¹ “Dr. Juca” foi um médico e guerrilheiro brasileiro, integrante do Partido Comunista do Brasil, morto em combate na Guerrilha do Araguaia. É considerado desaparecido político por não terem sido entregues os seus restos mortais aos familiares. O relatório da Comissão Nacional da Verdade aponta que ele morreu em 30 de setembro de 1972, nas redondezas da área do Franco, por uma rajada de tiros de militares.

¹² Advogado, jornalista, professor e escritor, natural de Porto Nacional, no Tocantins, viveu em Porto Franco na década de 60 onde foi vereador, e em seguida mudou-se para Imperatriz, onde viveu até sua morte em 2010. Era membro da Academia Imperatrizense de Letras, AIL.

¹³ Órgão histórico de repressão aos movimentos sociais e populares, o DOPS foi também centro de tortura durante a ditadura do Estado Novo, retomando essa prática no regime militar. Nos dois períodos ditatoriais, as vítimas preferenciais eram os militantes de partidos de esquerda.

Mas o mais curioso nessa história, que eu acho particularmente, é que em agosto de 1967, Che Guevara¹⁴ veio embora, saiu de Cuba, chegou em Belém, pegou a rodovia Belém-Brasília (BR 010), passou por Imperatriz e reuniu com eles (os guerrilheiros) numa pensão aqui na minha rua, na XV de Novembro ali mais embaixo, do lado da minha casa mesmo.

Perto do mercado municipal tinha uma pensão chamada “Pensão de Dona Cotinha”, e lá eles se reuniram numa noite de agosto, sob a luz da lamparina, e Che, com Maurício Grabois, João Carlos Haas Sobrinho, Osvaldão, e Dina e tantos outros companheiros, inclusive tudo indica que o Carlos Lima deveria estar nessa reunião, muito embora ele negue. O Che Guevara, ele tentou dissuadir a todos para não fazerem essa guerrilha, não fazerem essa revolução porque eles não iam ter êxito. E ele explicou que lá em Cuba, eles tiveram êxito junto com Fidel porque é um país, pequeno, é uma ilha, e aí eles tiveram êxito, mas no Brasil, com um território do tamanho desse país, eles não iam ter sucesso, como de fato aconteceu.

Só que eles teimaram, não obedeceram às ordens de Che. No dia seguinte, Che já bastante doente, debilitado, foi ao único posto de saúde que tinha em Imperatriz. É onde hoje funciona a Casa da Criança (abrigo mantido pela Prefeitura para crianças sob tutela judicial), ali ao lado da igreja matriz de Santa Teresa. Ele foi lá se consultar e foi atendido pelo seu Fernando Cunha, laboratorista, foi quem atendeu ele e quando ele olhou, o reconheceu, porque era uma figura que já aparecia nas revistas como a Cruzeiro. Conversaram, trocaram algumas palavras, e o Che com sotaque castelhano e ele reconheceu. Che foi embora, saiu novamente na Belém-Brasília, quando foi morto dia 06 de outubro do mesmo ano na Bolívia¹⁵.

¹⁴ Médico, jornalista, escritor, diplomata e líder revolucionário, Ernesto Guevara, mais conhecido como "Che" Guevara, nasceu na Argentina e foi um revolucionário marxista. Conheceu Fidel e Raúl Castro, outros dois importantes líderes da Revolução Cubana, em julho de 1955, durante o exílio dos irmãos no México. Foi durante esse encontro que se juntou ao Movimento 26 de Julho e partiu para Cuba com o objetivo de derrubar o ditador Fulgêncio Batista, autocrata que governava a ilha com o apoio dos Estados Unidos. Che rapidamente ganhou destaque entre os guerrilheiros. Foi segundo comandante, tendo exercido um papel fundamental na guerrilha que sairia vitoriosa em janeiro de 1959. Após o triunfo revolucionário, Che assumiu uma série de cargos-chave no novo governo. Entre outras funções, foi ministro das Indústrias, embaixador e presidente do Banco Central de Cuba. O líder revolucionário é constantemente lembrado como uma das figuras mais importantes do século 20. Além da visita oficial ao Brasil em 1961, para ser condecorado pelo então presidente Jânio Quadros, há narrativas de que Che tenha entrado no Brasil outras vezes, durante o regime militar, quando movimentos como o da guerrilha lutavam para derrubar o governo ditatorial. “Uma dessas incursões teria sido a Imperatriz, cidade que foi o centro de efervescência política na segunda metade dos anos 1960 e na primeira metade dos anos 1970. O presidente estadual do PMDB, Remi Ribeiro, esteve na reunião com o suposto Che, mas nem ele sabia com quem iria conversar, pois o máximo que lhe informaram era que seria alguém muito importante de Cuba. Anos depois disseram a ele ter sido o revolucionário, mas isto nunca foi confirmado, tampouco desmentido categoricamente”.

¹⁵ Data correta da morte de Che, segundo a imprensa é 09 de outubro. No dia 9 de outubro de 1967, tropas da Bolívia mataram o líder revolucionário Ernesto Che Guevara. Companheiro de Fidel Castro, sonhava em estender a revolução cubana para todo o continente latino-americano.

K.P. – Sabe mais fatos sobre os guerrilheiros?

D.C - Pois bem, teve toda essa passagem e a guerrilha continuou. Eles foram se aglutinando lá em Xambioá, lá era a base. E continuaram com esse movimento.

Em 1970, teve aqui em Imperatriz, eu me recordo muito bem. O aeroporto era bem pertinho ali onde é a Prefeitura, era tudo aeroporto, atrás do grupo escolar. E aí eu saí da escola e a gente viu o movimento de aviões, de paraquedistas, helicópteros, era a chamada Operação Carajás, que eles vieram atrás desses companheiros guerrilheiros. E a partir de então eles começaram a ser combatidos.

Na primeira investida das forças armadas contra os guerrilheiros, eles foram abatidos todos, porque em três, quatro anos, os guerrilheiros aprenderam a lidar com a vida no mato.

Eles se entrincheiraram na Serra das Andorinhas¹⁶, em São Geraldo do Araguaia, bem de frente pra Xambioá. Então eles aprenderam com os caboclos, os caras da terra lá, a viver. Todos, não tinha que não tivesse uma formação acadêmica. Eles não tinham costume com o mato, mas aprenderam. Então quando o exército chegou lá, foi abatido. A primeira investida dos militares foi derrotada.

E aí as forças armadas se reforçaram. De que maneira? Começaram a usar as polícias militares do Maranhão, Pará e Tocantins, para se juntarem a eles e partir de então, começou o massacre aos guerrilheiros. Imagine as forças armadas e as polícias dos três estados pra combater 66 homens e mulheres.

K.P. - Só eram 66 guerrilheiros?

D.C. - Eram 66 dos que vieram do Sul, dos guerrilheiros mesmo. Mas entre eles tinham também muitas pessoas da região do Araguaia, posseiros que se juntaram a eles porque eles só faziam o bem. O João Carlos que era médico, consultava as pessoas, fazia partos...todos faziam o bem, eles só faziam o bem para o povo e o povo passou a admirá-los.

Em São Félix, no município de Praia Norte (Bico do Papagaio), morou um. Era o cara que organizava as partidas de futebol, as festas, tudo. Aqui em Imperatriz tem o caso do seu Valdeci Cavalcante, que faleceu ano passado. Ele tinha um armazém ali na beira do rio e foi morar em Sampaio (cidade vizinha a Praia Norte) e que fornecia alimentos para eles. Ele vendia, tinha

¹⁶ O Parque Nacional Serra das Andorinhas, também chamada Serra dos Martírios, fica localizada no município de São Geraldo do Araguaia, ao longo do rio Araguaia, no sul do estado do Pará.

um comércio e vendia para eles e por conta disso foi considerado subversivo, foi pro pau de arara¹⁷ e sofreu muito na mão dos militares. Como ele teve alguns casos aqui.

E aí eles começaram a ser combatidos né, duramente foram matando todos eles, um a um. Foram quatro anos certinho de guerrilha, de 70 até 1974. Foram todos mortos de maneira perversa, e as pessoas que rodeavam eles também.

E nessa história todinha, quem escapou, conta-se que o primeiro foi José Genoíno¹⁸, que teria delatado os companheiros, aí voltou pra São Paulo. João Amazonas¹⁹, que era o presidente nacional do PC do B (Partido Comunista do Brasil), que também quando chegou em Anápolis foi aconselhado a fugir pra São Paulo que o cerco estava se fechando, e, também um cara de Xambioá, chamado Micheias²⁰, o conhecido Zezinho do Araguaia, que tornou-se meu amigo particular.

Eu e Zezinho, e o pessoal da Anistia²¹, convivemos na busca dos corpos que nunca foram encontrados até hoje. Mesmo morando fora, no Goiás, Zezinho vinha sempre que a Anistia vinha pra lá e eu também ia aqui de Imperatriz pra lá.

Ele me contou que uma vez fugiu do cerco (dos militares), e pulou dentro do rio Araguaia. Desceu beirando o rio, debaixo dos calumbis, quando passavam as lanchas da marinha e jogavam os holofotes pra achar ele e ele mergulhava, ficava lá debaixo d'água um tempão, bem quietinho, enquanto a lancha passava, e aí desceu até poder sair e fugir e ir embora. Ele tem uma história fenomenal de luta, resistência e vitória.

K.P. – Você participou de mais investigações sobre a Guerrilha?

D.C – Conheci o Zezinho em Xambioá, em 2003, na primeira investida pra se encontrar os corpos dos companheiros mortos. Aí eu fui fazer a reportagem pelo jornal *Açaí Folha*, pessoal

¹⁷ O Pau-de-Arara consistia numa barra de ferro que era atravessada entre os punhos amarrados e a dobra do joelho, sendo o conjunto colocado entre duas mesas, ficando o corpo do torturado pendurado a cerca de 20 ou 30 centímetros do solo. O método quase nunca era utilizado isoladamente, pois seus complementos normais eram eletrochoques, a palmatória e o afogamento.

¹⁸ De autoria do jornalista e historiador Hugo Studart, livro *Borboletas e Lobisomens* mostra que o ex-deputado José Genoíno, uma das principais lideranças fundadoras do PT, nunca delatou seus companheiros - pecha que o perseguiu por mais de 40 anos.

¹⁹ O paraense João Amazonas de Souza Pedrosa foi um dos dirigentes do PC do B desde os anos 30 e participou ativamente da organização da guerrilha do Araguaia.

²⁰ O também paraense Micheias Gomes de Almeida, nome de guerra Zezinho do Araguaia, um dos mais de 80 codinomes usados por ele para fugir da repressão, mas que também o tornou conhecido e até hoje visto como um herói no norte do Tocantins. Zezinho é um dos oito sobreviventes da Guerrilha do Araguaia nos anos 70. Ele participou de vários combates em três anos de militância armada.

²¹ A Comissão da Anistia, subordinada ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, responsável por avaliar pedidos de indenizações das vítimas ou de seus familiares, decorrentes das torturas e traumas da guerrilha.

da *Mirante* também foi (emissora de TV local repetidora da Rede Globo), e foi quando conhecemos o Zezinho.

Depois dessa primeira teve outras investidas. Eu fui em todas, então sempre encontrava o Zezinho em Xambioá. Estavam montando em São Geraldo o *Museu da Guerrilha*.

Nunca encontraram nenhum corpo. Na primeira vez saíram cavando onde diziam que tinha corpo enterrado. Já na segunda investida, um ano ou dois depois, não me lembro, os caras da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) inventaram um aparelho que rastreava o chão e indicava onde tinha ossada, não precisava cavar, bastava roçar o mato. Mas nunca se encontrou nenhum corpo. Os militares fizeram um negócio realmente bem feito, e nisso, dois militares que participaram da guerrilha, foram lá para mostrar o local onde haviam enterrado os corpos, mas não encontraram nenhum.

Até a Comissão Nacional da Verdade²², foram muitos anos de silêncio. Quem sobreviveu tinha e tem medo de falar até hoje. Eles achavam que o regime ainda ia voltar, tá entendendo? Sei lá, ficaram todos com problemas psicológicos, todos, todos eles que passaram por isso.

Hoje quando vejo jovens pedindo a volta do regime militar, lamento profundamente por não saberem o que significa a ditadura. Eles não têm noção do sofrimento das pessoas que viveram aquele período.

K.P. – Você já escreveu sobre a Guerrilha?

D.C. – Literatura não, só matérias jornalísticas durante o período que acompanhei as buscas com o pessoal da Comissão da Verdade. Estou escrevendo meu décimo terceiro livro. Acredito que esse seja o último que eu vá escrever. Nele eu conto algumas coisas do que ouvi sobre a Guerrilha. O título é “Meu amor pela natureza o socialismo”.

*

A partir dos relatos produzidos pelo amigo jornalista, parafraseamos Figueiredo (2020) para ressaltar a importância do testemunho capaz de dialogar acerca dos acontecimentos vivenciados num dado momento histórico:

É necessário compreender esse processo da memória como uma luta extremamente dialética, como um pêndulo entre a memória coletiva e a memória oficial, onde o constructo síntese dar-se-á de acordo com o ritmo da sociedade, fazendo com que irrompa uma das duas versões, sendo, conseqüentemente, a força empreendida pela vocalização dos protagonistas dessa memória o veículo que endossaria qual a “mais” oficial. (FIGUEIREDO, 2020, p. 04)

²² Colegiado instituído para investigar as graves violações de direitos humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988.

Para que não se esqueça, para que nunca mais aconteça, é preciso testemunhar, transpor o acontecimento para a memória, e esta, ser registrada. É preciso curar as feridas do povo pelo diálogo e o registro desses traumas e validar a trajetória daqueles que lutaram pelo direito de milhares.

REFERÊNCIAS

Departamento de Ordem Política e Social – DOPS. Disponível em:

<<http://www.forumverdade.ufpr.br/caminhosdaresistencia/a-repressao/departamento-de-ordem-politica-e-social-dops/>> Acesso em 04 jul 2020

FIGUEIREDO. César Alessandro Sagrillo. Literatura do testemunho: a literatura da era das catástrofes. **Revista EntreLetras (Araguaína)**, v. 11, n. 1, jan./abr. 2020 (ISSN 2179-3948 – online)

Há 52 anos, Ernesto Che Guevara era assassinado na Bolívia. Disponível em: <

<https://www.brasilefato.com.br/2019/10/09/ha-52-anos-ernesto-che-guevara-era-assassinado-na-bolivia>> Acesso em 04 jul 2020

Jurivê de Macedo, mestre da crônica jornalística. Disponível em:

<<https://www.imperatriz.ma.gov.br/blog/nossa-gente/jurive-macedo-mestre-da-cronica-jornalistica.html>> Acesso em 04 jul 2020

Livro sobre Araguaia mostra que Genoino não traiu. Disponível em:

<<https://arepublica.com.br/assuntos-nacionais/livro-sobre-araguaia-mostra-que-genoino-nao-traiu>> Acesso em 04 jul 2020

Localização Geográfica do Município de Imperatriz. Disponível em:

<<https://www.imperatriz.ma.gov.br/portal/imperatriz/localizacao-distancias.html>> Acesso em 04 jul 2020.

Maurício Grabois. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/memorial/mauricio-grabois/>> Acesso em 04 jul 2020.

Movimento democrático brasileiro (MDB). Disponível em:

<<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/movimento-democratico-brasileiro-mdb>> Acesso em 04 jul 2020.

Memória social da Guerrilha do Araguaia e da guerra que veio depois. Disponível em:

<https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1981-81222011000300002&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em 04 jul 2020.

NEVES, Daniel. **Golpe Militar de 1964 e o início da ditadura no Brasil.** Disponível em:

<<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/golpe-militar.htm>> Acesso em 04 jul 2020.

O mistério de Dina: Documento do Exército prova que a lendária guerrilheira do Araguaia foi presa e prestou depoimento antes de desaparecer. Disponível em: <https://istoe.com.br/1603_O+MISTERIO+DE+DINA/#:~:text=Conhecida%20como%20Dina%2C%20a%20ge%C3%B3loga,comandar%20um%20destacamento%20militar%20insurgente.> Acesso em 04 jul 2020.

O dia que Che Guevara veio ao Maranhão: Mito ou verdade? Revista Maranhão Hoje aborda o fato. Disponível em: <<http://www.aquilesemir.com.br/2015/03/o-dia-que-che-guevara-veio-ao-maranhao.html?m=1>> Acesso em 06 jul 2020

Osvaldão. Disponível em: <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/osvaldao/>> Acesso em 04 jul 2020

PEIXOTO, Rodrigo Corrêa Diniz. **Memória social da Guerrilha do Araguaia e da guerra que veio depois.** Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S198181222011000300002&script=sci_arttext&tlng=pt> Acesso em 04 jul 2020.

RIBEIRO, domingos Izaias Cezar. **Entrevista concedida a Kayla Pachêco Nunes.** Imperatriz, 04 jul. 2020.

SILVA, Luiza Helena Oliveira. **Memórias da guerrilha:** acontecimento e história. In: MENDES, C. M.; LARA, G. M. P.(Org.). Em torno do acontecimento: uma homenagem a Claude Zilberberg. Curitiba: Appris, 2016, p.141-162.

Tipos de torturas usadas durante a ditadura militar. Disponível em: <<https://www.plural.jor.br/documentosrevelados/nome-dos-torturadores-e-dos-militares-que-aprenderam-a-torturar-na-escola-das-americas/tpos-de-tortura-usados-durante-a-ditadura-civil-militar/>> Acesso em 04 jul 2020.

Xambioá. Disponível em: <<https://turismo.to.gov.br/regioes-turisticas/vale-dos-grandes-rios/principais-atrativos/xambioa/>> Acesso em 04 jul 2020.

Recebido em 15 de junho de 2020.

Aprovado para publicação em 25 de junho 2020.